



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

JURICELLY HORÁCIO SILVA

DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**GUARABIRA-PB
2021**

JURICELLY HORÁCIO SILVA

DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientadora: Prof^a. Ma. Josilene Rodrigues da Silva

**GUARABIRA-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Juricelly Horácio.
Desenvolvimento socioemocional na educação infantil
[manuscrito] / Juricelly Horacio Silva. - 2021.
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Josilene Rodrigues da Silva ,
Departamento de Educação - CH."

1. Desenvolvimento. 2. Socioemocional. 3. Educação
Infantil. 4. Ensino e aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 370

JURICELLY HORÁCIO SILVA

DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Aprovada em: 06 / 10 / 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ma. Josilene Rodrigues da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dra. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jefferson Flora Santos de Araújo
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cinco eixos que definem as competências socioemocionais----- 11

Figura 2 – Comparação entre o jogo de quebra-cabeça com a sociedade ----- 14

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Algumas considerações metodológicas	8
2 REFLEXÕES ACERCA DE EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL EM DOCUMENTOS NORTEADORES	9
3 O SENTIDO DO SOCIOEMOCIONAL	12
3.1 Navegando pelas emoções	15
3.1.1 Emoções básicas	16
3.1.2 A diferença entre emoção e sentimento	17
4 AFETIVIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juricelly Horácio Silva¹
Josilene Rodrigues da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade refletir sobre a importância do desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil e identificar suas influências nas relações interpessoais na escola e para além dela. Para tal, apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico a respeito do desenvolvimento socioemocional no processo de ensino e aprendizagem para a formação integral da criança através das vivências em sala de aula que envolvem emoções, sentimentos, afetividade e ludicidade. Nesse ínterim, o texto traz reflexões acerca do desenvolvimento socioemocional em documentos norteadores que orientam as práticas pedagógicas e propiciam competências e habilidades para o desenvolvimento social da criança. Para tanto, tem-se, como embasamento teórico, Wallon (1995; 2007), Vygotsky (1993; 1996), Damásio (1996; 2000), Santos (2000), Brasil (1988; 2010; 2013; 2018), Almeida (1999), Freire (1989; 1996; 1997), entre outros autores e documentos. Dessa forma, constata-se que propiciar, no ambiente educacional, práticas pedagógicas que agregam valores sociais às atividades e aos contextos contingenciais e situacionais geram sementes no presente que florescerão no jardim colorido da sala de aula, pois fortalecer o socioemocional na Educação Infantil é condição fundamental para aprendizagem e desenvolvimento pleno enquanto pessoa no mundo.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Socioemocional. Educação Infantil. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the importance of social-emotional development in early childhood education and identify its influences on interpersonal relationships at school and beyond. To this end, it presents the results of a qualitative bibliographic research about the socio-emotional development in the teaching and learning process for the integral formation of the child through the experiences in the classroom that involve emotions, feelings, affection and playfulness. In the meantime, the text brings reflections on socio-emotional development in guiding documents that guide pedagogical practices and provide skills and abilities for the child's social development. For this, we have, as theoretical basis, Wallon (1995; 2007), Vygotsky (1993; 1996), Damásio (1996; 2000), Santos (2000), Brazil (1988; 2010; 2013; 2018), Almeida (1999), Freire (1989; 1996; 1997), among other authors and documents. Thus, it appears that providing, in the educational environment, pedagogical practices that add social values to activities and to contingent and situational contexts generate seeds in the present that will flourish in the colorful garden of the classroom, as strengthening the socio-emotional in Early Childhood Education is a condition fundamental for learning and full development as a person in the world.

Keywords: Development. Socioemotional. Child education. Teaching and learning.

¹Aluna concluinte do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

²Orientadora Professora Substituta do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

1 INTRODUÇÃO

*Vou falar em poesia,
O que acontece com a emoção,
Fazemos caras e bocas,
Em uma ligeira transmissão,
Basta olhar o semblante,
No momento da reação.*

*Acontece naturalmente,
Na primeira fase da vida,
Principalmente na escola,
Por sentir-se desprotegida,
Longe dos familiares,
Com pessoas desconhecidas.*

*As reações são distintas,
Cada uma com seu poder,
Balançam as estruturas,
Mesmo sem perceber,
Quem vai dizer o que sente,
É o gesto que vai fazer.*

*É um sentimento múltiplo,
Transparece no olhar,
Às vezes na fase adulta,
Conseguimos controlar,
Porém, quando pequenos,
Não sabemos disfarçar [...].*

*Se é tristeza ou alegria,
Raiva, medo ou surpresa,
Se sente admiração,
E se encanta com a beleza,
Os gestos que ele faz,
É de sua natureza.*

(GISÉLIA HORÁCIO³)

Início este artigo com a poesia de Gisélia Horácio para introduzir o tema deste trabalho que é intrínseco à afetividade na Educação Infantil. A autora dessa poesia é a minha mãe, que foi o meu berço de afeto, e a que me envolveu com o amor mais puro. Para mim, foi a primeira fonte de desenvolvimento socioemocional que tive na infância.

Poderia ter escolhido qualquer autora ou autor conhecido (a) para iniciar este texto, porém quem melhor para começar a falar de um assunto que envolve educação e emoção que a minha primeira educadora, mulher que me trouxe a esse mundo de sociabilidade e que fez de mim o que sou hoje? A construção do meu eu subjetivo passou pela afetividade vinda da minha mãe.

Hoje, concluindo o curso de Pedagogia, penso nas minhas vivências acadêmicas e pessoais e fico refletindo sobre as contribuições do meio social onde cresci para o processo de minha constituição. Minha família, com seus costumes e valores (re) passados enquanto criança, influenciaram a formação da minha infância e foram fundamentais para que eu pudesse ir desenvolvendo o senso necessário de

³ Utilizo a poesia, que foi feita para este trabalho, da minha mãe que é para mim exemplo de afeto e de amor incondicional que contribuiu para o meu desenvolvimento integral.

cidadã para participar da sociedade em que vivemos. Aprendi, no berço familiar, que a educação emancipa o ser, e que as relações pessoais contribuem para essa evolução. “A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.” (FREIRE, 1996, p. 19, grifo do autor). Assim, são as diferenças que tornam o mundo mais divertido e encantador.

Foi pensando nas relações interpessoais e nas suas contribuições para a construção da cidadania das crianças pequenas que surgiu o interesse pelas pesquisas sobre o desenvolvimento do socioemocional na Educação Infantil, pois está relacionado às questões sociais, às emoções, aos sentimentos e aos afetos da vida humana, uma vez que os aspectos de relacionamentos de si mesmo/consigo e com os outros, na fase infantil, contribuem para regular e gerenciar as emoções individuais no contexto coletivo a fim de vivenciar relações mais saudáveis (DAMÁSIO, 2000).

Nesta produção acadêmica, afetividade é entendida a partir de Henri Wallon (2007) como a capacidade humana de ser afetado (a), positiva ou negativamente, por sensações internas e externas. No tocante à educação, a teoria da afetividade, pensada por Wallon, traz o entendimento das contribuições dos vínculos afetivos entre professores e alunos, pois enxerga a escola como um ambiente de desenvolvimento dos sujeitos que deve cooperar para os domínios funcionais “entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa.” (WALLON, 2007, p. 117). Esses são indicadores do desenvolvimento integral no processo de ensino e aprendizagem.

Ensinar as crianças de forma integrada (unidade afeto-intelecto) contribui significativamente para aprendizagem (VYGOTSKY, 1996), visto que deve ser no ambiente familiar, em sala de aula e nas vivências dos fatos que vão surgindo que as abordagens socioemocionais serão contextualizadas com os estímulos internos e externos relacionados a elas como os afetos, as emoções, os sentimentos, os contextos contingenciais e situacionais. Dessa maneira, auxilia na formação e na percepção sobre as emoções e as atitudes correlatas, positivas e negativas, como forma de (con) viver em sociedade e mostrar os *feedbacks* dos atos com o objetivo de desenvolver a inteligência emocional nos vínculos afetivos que, de acordo com Salovey (1990), é a capacidade de conhecer as próprias emoções, lidar com elas e reconhecê-las nos outros nos relacionamentos.

Além disso, as práticas pedagógicas devem estar orientadas para uma linguagem atrelada à perspectiva da ludicidade que é capaz de gerar “a estimulação, a variedade, o interesse, a concentração e a motivação são igualmente proporcionados pela situação lúdica [...]” (MOYLES, 2002, p. 21). Portanto, é instrumento metodológico que possibilita a aprendizagem de forma divertida.

Diante dos argumentos até aqui apresentados, esta pesquisa justifica-se pela relevância do assunto e de sua contemporaneidade presente no âmbito educacional que deve garantir a educação integral do ser. Mediante a compreensão da importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, surgiram alguns questionamentos, dentre eles formulou-se a determinada indagação: Quais as contribuições do desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil e suas influências nas relações interpessoais na escola e para além dela? Na busca por respostas, este trabalho tem por finalidade refletir a importância do desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil e identificar suas influências nas relações interpessoais na escola e para além dela. Assim, no campo das

pesquisas qualitativas em educação, este artigo traz discussões e fundamentos atrelados a conceitos como desenvolvimento, socioemocional, Educação Infantil e ensino e aprendizagem.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: na seção 1, intitulada como "introdução," são apresentadas algumas recordações de minha infância que me motivaram a escolher este tema, assim como sua apresentação para nossa discussão. Na seção 2, cujo título é "reflexões acerca de educação socioemocional em documentos norteadores," tem-se a finalidade de mostrar como esses documentos refletem sobre a questão e como norteiam o processo educativo.

Na seção 3, nomeada de "o sentido do socioemocional," o propósito é compreender os aspectos do socio + emocional e navegar pelas emoções e sentimentos com base na sua importância para a aprendizagem dos alunos. Na seção 4, com o título "afetividade e suas contribuições na Educação Infantil," discute-se acerca da importância da afetividade como elemento transformacional que integra as práticas pedagógicas que visam à formação integral das crianças. Já na seção 5, as "considerações finais", apresenta-se as principais conclusões que este trabalho trouxe para o campo acadêmico, trazendo contribuições no ensino/aprendizagem para as crianças.

1.1 Algumas considerações metodológicas

Esta pesquisa é qualitativa em educação do tipo bibliográfica e foi desenvolvida por meio de fontes consultadas que, por intermédio de análises processuais esquematizadas, buscou identificar as contribuições do desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil. Ela é caracterizada como:

[...] pesquisas qualitativas tentam compreender os fenômenos pela ótica do sujeito. Nesse sentido, têm como premissa que nem tudo é quantificável e que a relação que a pessoa estabelece com o meio é única e, portanto, demanda uma análise profunda e individualizada. (MALHEIROS, 2011, p. 31).

A pesquisa bibliográfica é feita de materiais já existentes e constituída, especialmente, de livros e artigos científicos que, através das leituras, possibilitou-me retratar o desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil (GIL, 2007). Para o alcance do objetivo deste artigo, optou-se por um levantamento bibliográfico que trouxe conhecimentos específicos sobre o tema. Ademais, entende-se que pesquisar é um procedimento pensado e organizado com o objetivo de alcançar respostas para os problemas que são identificados. Assim, uma pesquisa é desenvolvida pelo pesquisador que tenha inquietações sobre a problemática e busque possíveis soluções para emancipá-la.

Para isso, requer de quem pesquisa que “[...] haja a necessidade de ser uma pessoa curiosa e criativa. Curiosa no sentido de buscar respostas para questões que, muitas vezes, não fazem com que outras pessoas se interessem pelo o estudo, e criativa na medida em que deve se abrir para a possibilidade de lidar com o novo.” (MALHEIROS, 2011, p. 28). Essas são duas características importantes que devem fazer parte do “espírito motivador” do investigador.

Portanto, pesquisar é se inquietar (emoção) e se identificar (sentimento) com a problemática da pesquisa para gerar possíveis soluções que não são absolutas porque o conhecimento é inacabado e é um ciclo infinito de inovações que constrói a formação da existência humana do pesquisador (FREIRE, 1997).

2 REFLEXÕES ACERCA DE EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL EM DOCUMENTOS NORTEADORES

*Vou falar em poesia,
O que acontece com a emoção,
Fazemos caras e bocas,
Em uma ligeira transmissão,
Basta olhar o semblante,
No momento da reação. [...].*

(GISÉLIA HORÁCIO)

Falar do socioemocional é pensar nas emoções, nos sentimentos, nas reações geradas pelo misto de sensações e nas relações humanas (na vida). Neste capítulo, iremos refletir sobre documentos que são necessários para compreendermos o que vigora a nível federal em nossa nação com relação aos direitos educacionais das crianças e seus aspectos socioemocionais. A Constituição Federal de 1988, capítulo III, seção I, artigo 205, aponta que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, s/p).

O pleno desenvolvimento da pessoa e o exercício da cidadania, observados neste artigo, denotam sobre a importância da formação da integridade dos estudantes, sejam eles crianças, adolescentes, jovens ou adultos. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são documentos oficiais muito importantes para a educação brasileira que orientam, com margem para a flexibilidade, o corpo docente para as vivências na escola. As DCNs pontuam sobre o socioemocional:

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo-emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional. (BRASIL, 2013, p. 17).

Ademais, as competências socioemocionais estão presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) quando analisamos os três princípios que devem ser desenvolvidos nos alunos, éticos: autonomia, responsabilidade, solidariedade (de perceber sua singularidade no meio da coletividade); políticos: cidadania, criticidade, respeito a si e aos outros, conhecer os direitos e os deveres sociais; estéticos: sensibilidade e criatividade (BRASIL, 2010).

Já a BNCC traz, em sua introdução, a importância das competências socioemocionais quando evidencia a relevância dos conhecimentos, das habilidades, das atitudes e dos valores trabalhados concomitantemente para a construção da cidadania. O documento norteador expõe que:

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da

vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. [...] articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores [...]. (BRASIL, 2018, p. 8-9).

Percebe-se que a BNCC expõe a contribuição da competência socioemocional que deve ser desenvolvida como importante habilidade de inserção social. É preciso entender que a Base não é um Currículo, o qual é multifacetado, (re) negociado (GOODSON, 2005), mas sim um documento federal e normatizador a partir do qual as redes de ensino irão (re) elaborar seus Currículos. Não é também uma Proposta Pedagógica (PP) ou um Projeto Político Pedagógico (PPP), pois esse é um documento com uma direção intencional, local, com compromissos sociopolíticos para formar cidadãos para a sociedade (VEIGA, 1998) e quem faz as (re) elaborações desses citados são as escolas e fazem a partir do seu Currículo o qual é elaborado pela sua rede de ensino com base no que a BNCC propõe.

Quando o Currículo e o PP ou PPP estão sendo elaborados, eles devem ser baseados no documento elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) que atinge a educação em nível federal e norteia a educação do nosso país. É isso que a Base deve representar: um documento que orienta e tem caráter normativo e que explicita os conhecimentos essenciais que todo aluno do Brasil tem o direito de aprender. Sendo assim, tem a importância de trazer equidade, sobretudo considerando o contexto histórico/cultural dos alunos para uma formação integral:

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. [...]. (BRASIL, 2018, p. 14).

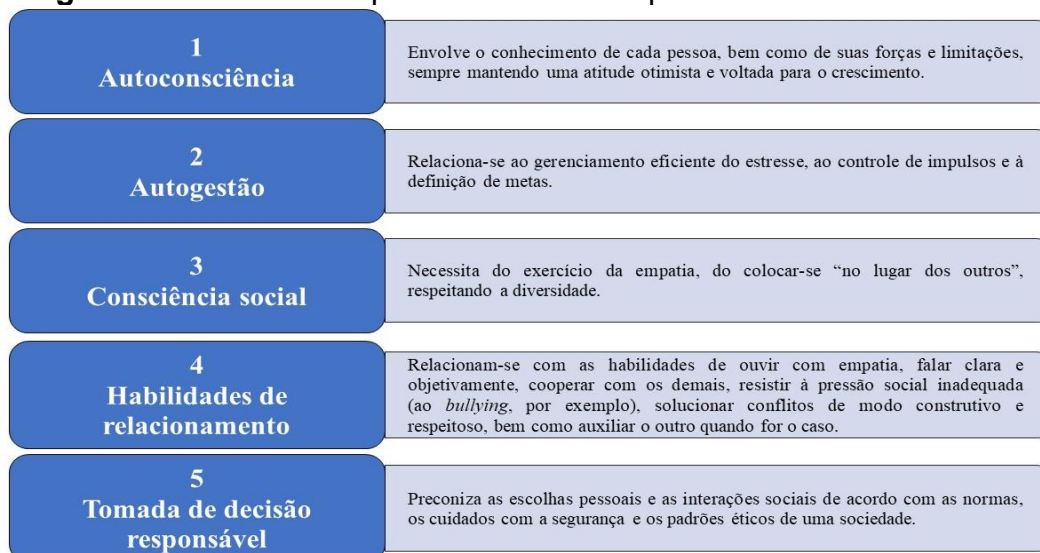
É notória a contribuição das escolas ao propiciarem vivências que desenvolvam a integridade dos estudantes. Diante disso, é preciso esclarecer mais uma questão em relação à BNCC: quando analisarmos esse documento vamos perceber que as competências e as habilidades estão presentes na introdução, assim também como na parte que trata do Ensino Fundamental e Médio, porém se formos analisar a Educação Infantil especificadamente, não iremos encontrar as competências e habilidades que são elencadas nas outras modalidades, mas isso não significa que as competências gerais e socioemocionais não estejam presentes na Educação Infantil, pois como a sua própria introdução retrata, elas perpassam todas as etapas da educação básica:

É imprescindível destacar que as competências gerais da Educação Básica, [...] inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB. (BRASIL, 2018, p. 8-9).

É importante pontuar que existe certo equívoco quando falamos de competências socioemocionais e as dez (10) competências gerais que a BNCC traz. Assim, é preciso assinalar que elas estão presentes dentro das dez competências

gerais, ou seja, uma está relacionada à outra, mas se diferem em algumas questões. As competências gerais são mais amplas e as socioemocionais estão mais relacionadas às questões sociais, às emoções, aos sentimentos e aos afetos referentes à vida humana, conforme Figura 1.

Figura 1 – Cinco eixos que definem as competências socioemocionais



Fonte: Brasil (2018, com adaptações).

Contemplamos, através da Figura 1, o que foi citado anteriormente sobre as competências socioemocionais serem relacionadas às questões sociais de como as pessoas se expressam e se relacionam com as outras no mundo. Para um melhor entendimento, vejamos o sentido da palavra socioemocional: sócio deriva do latim *socius*, que significa “companheiro” e um de seus derivados é sociedade. Emoção deriva do latim *ex movere*, *ex* significa “para fora” e *movere* significa “mover” (SANTOS, 2000).

Portanto, como observamos na figura acima, identificamos, de fato, que os cinco eixos que a BNCC elenca são intrínsecos aos modos de ser e de expressar-se em sociedade e isso demonstra a importância de desenvolver nas escolas habilidades socioemocionais, uma vez que são relacionadas às emoções e às questões sociais que as envolvem.

Assim sendo, temos materiais que norteiam a educação do nosso país com relação ao ensino/aprendizagem socioemocionais (documentos que são fundamentados por outros até chegarem às escolas e refletirem na prática docente) e abrem um leque de possibilidades, considerando as especificidades de cada instituição de ensino.

Essa liberdade e autonomia para adequarem-se ao contingencial e situacional das realidades escolares é competência socioemocional concedida pelos documentos norteadores para os gestores, os professores e, conseqüentemente, para os alunos. Se tudo viesse pronto, direcionado e mecanizado, seriam excluídas as margens para as possibilidades, pondo, dessa maneira, uma barreira que impediria o desenvolvimento das vivências em cada contexto.

Por isso, é importante olhar para o ser individual em meio à sociedade. Não podemos desenvolver práticas educativas globalizantes que separem o cognitivo do emocional e do afetivo. A formação das crianças não pode se dar de maneira fragmentada, somos seres que se formam integralmente (BRASIL, 2018). Dessa

forma, os aspectos do cognitivo (conteúdos) e socioemocionais não devem ser separados. Sobre isso, Vygotsky (1996) aponta para a necessidade de desenvolver a integridade das crianças, a unidade afeto-intelecto, da *perejivânie* (vivência):

A perejivânie é a unidade sobre a qual é difícil dizer se representa a influência do meio sobre a pessoa ou uma peculiaridade da própria pessoa. A perejivânie constitui a unidade da personalidade e do entorno tal como figura no desenvolvimento. Portanto, no desenvolvimento, a “unidade dos elementos pessoais e ambientais se realiza em uma série de diversas vivências da criança.” (VYGOTSKY, 1996, p. 383, grifo do autor).

Nesse sentido, entende-se que, ensinar as crianças pequenas de forma integrada, contribui significativamente para aprendizagem no ambiente familiar ou escolar, já que “A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 2013, p. 36). Desenvolvendo aprendizagem com significado concreto nas vivências dos eventos que vão surgindo ao longo das aulas, as abordagens se darão pela contextualização do momento, mostrando, na prática, os hábitos com base nos valores das vivências em sociedade.

3 O SENTIDO DO SOCIOEMOCIONAL

*[...] As reações são distintas,
Cada uma com seu poder,
Balançam as estruturas,
Mesmo sem perceber,
Quem vai dizer o que sente,
É o gesto que vai fazer. [...].*

(GISÉLIA HORÁCIO)

Neste capítulo, abordamos, a princípio, o sentido do socioemocional para navegarmos pelas emoções consideradas básicas e entendermos as diferenças entre elas e os sentimentos. Esse movimento é importante para compreendermos os elementos que integram o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Henri Wallon (1879-1962), na perspectiva sociointeracionista para a Educação Infantil, entende que o desenvolvimento das crianças é um processo dinamizado de troca e interação mútuas com relação ao próprio corpo e aos objetos do seu entorno como as outras crianças e adultos. Wallon (2007) propôs que o desenvolvimento (afetivo, cognitivo e motor) não pode ser trabalhado de maneira isolada, mas sim simultânea e integrada.

Para isso, é importante compreender que na infância, a criança e o seu desenvolvimento passam por mudanças significativas ao longo do tempo através de avanços em algumas áreas do conhecimento. Criança e infância não são sinônimas, não podemos pensar em uma única infância ou criança porque são diversas as infâncias e as crianças. O conceito de criança está relacionado à idade dos menores que tiverem até 12 anos incompletos, já a infância é desenvolvida pela/na sociedade através das ideias, práticas e valores que são passados culturalmente.

Por que é preciso entender e distinguir esses termos? Estamos falando de desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil e, nesse entendimento, compreendemos que o socioemocional é desenvolvido nas crianças no

aproveitamento de suas infâncias, ou seja, o socioemocional está diretamente relacionado aos elementos que integram a infância.

Para tanto, requer que o professor conheça o contexto em que a criança se insere, pois, assim, terá mais compreensão e saberá inter-relacionar o desenvolvimento do saber gerir o afetivo, cognitivo e o motor mutuamente, sabendo que o afeto é a capacidade de ser afetado por algum estímulo que culminará em ações. Afetar-se é o mesmo que se emocionar e as emoções contagiam, agregam as pessoas e influenciam nas tomadas de atitudes:

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim o social se amalgama ao orgânico. (WALLON, 2007, p. 122).

Mediante essa reflexão, podemos concluir que os seres humanos, em suas vivências, são influenciados e influenciam. Por serem seres sociais, há a necessidade de conviver em grupos e aprender com eles (não somos solitários, somos solidários) e é por isso que o meio onde a criança se insere mistura-se às questões orgânicas e “[...] a sensibilidade da criança se amplia no contato com o ambiente: reproduz suas características e não consegue se distinguir dele. [...]” (WALLON, 2007, p. 124). Nesse sentido, a sociedade aperfeiçoa a personalidade dos pequenos e a afetividade fortalece as ações pedagógicas na Educação Infantil.

É preciso compreender que os aspectos do socio + emocional revelam-se na capacidade dos seres humanos de expressarem suas emoções na sociedade e nas emoções internas que são movidas para fora. Ou seja, é o modo de comunicar os estados e as necessidades internas, por meio da comunicação não verbal e/ou verbal, que é capaz de alterar o comportamento e a aprendizagem. Santos (2000, p. 212) aponta que: “As pessoas geralmente não exteriorizam as emoções com palavras e sim através de canais não verbais, por isto devemos aprender a interpretar estes sinais, para interpretar corretamente suas emoções e sentimentos.” Esses canais não verbais podem ser notados pelas expressões faciais, gestos, entre outros, dos quais é quase impossível se esconder.

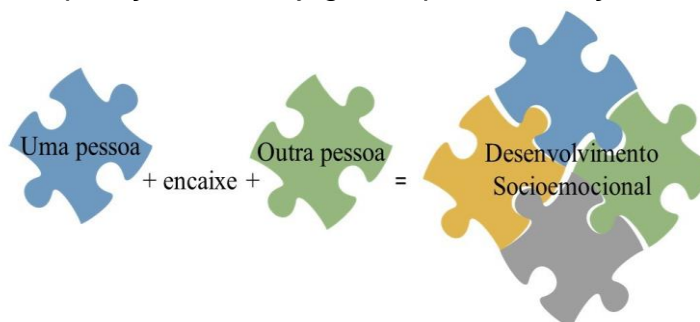
Darwin (1872) no seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* apresentou grandes contribuições para as pesquisas relacionadas ao emocional e afirma que cada emoção encadeia determinadas ações que as caracterizam como um comportamento específico através das mudanças fisiológicas que contêm diferentes graus de intensidade. Por isso, para falar das emoções no contexto social, relacionamos à perspectiva da psicologia evolutiva, já que elas são características psicofisiológicas humanas (majoritariamente inconscientes) do viver e do sobreviver em sociedade. Assim, é nítido, nesse entendimento, que os estudos sobre as emoções alinham-se ao pensamento darwinista.

As emoções são essenciais para a sobrevivência humana desde os tempos mais remotos. Por exemplo, quando o homem tinha que enfrentar um animal grande que estava prestes a lhe devorar, eram as suas emoções que determinavam o desfecho da história, se ele ficava e enfrentava a fera ou corria do perigo.

Por isso que “as emoções acabam por ajudar a ligar a regulação homeostática e os ‘valores’ de sobrevivência a muitos eventos e objetos de nossa experiência autobiográfica.” (DAMÁSIO, 2000, p. 80). Dessa forma, fazendo uma

comparação das relações interpessoais com o jogo de quebra-cabeça, ficaria conforme Figura 2:

Figura 2 – Comparação entre o jogo de quebra-cabeça com a sociedade



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

As peças do quebra-cabeça, encaixadas e montadas, são a sociedade que se relaciona mutuamente. Cada peça, ou seja, cada pessoa com suas particularidades e emocionadas quando desenvolve as habilidades de gerenciamento e regulamento das emoções individuais no contexto coletivo, aprende e desenvolve seu socioemocional. Assim, relacionam-se com inteligência emocional, sabendo ter respeito e empatia pelos outros, mesmo em situações de conflitos:

Faz parte da educação emocional o desenvolvimento da empatia, capacidade de reconhecer corretamente as emoções do outro e de compreender seus sentimentos e perspectivas, respeitando as diferenças com que as pessoas encaram as coisas, permitindo convívio harmônico com o outro. (SANTOS, 2000, p. 47).

É esse olhar especial que a educação emocional atribui aos afetos, às emoções e aos sentimentos, pois é pela interferência que eles podem agir no comportamento social dos alunos. Não podemos fingir e colocar uma venda em nós e em nossos discentes e simplesmente decidir não desenvolver o emocional deles, é impossível, porque emocionar-se é característica psicofisiológica humana. Fazendo uma alusão ao que René Descartes já dizia: “eu penso, logo existo” (DESCARTES, 1988b, p. 46), diria: vivo, logo me emocio.

Ademais, não temos o poder de decidir como ou em que contexto determinadas emoções aparecerão, o que podemos fazer é aprender a geri-las, percebendo, pouco a pouco, como o corpo e a mente reagem. Quando há essa compreensão, a ação pedagógica torna-se multifacetada, os docentes desenvolvem práticas diárias de forma simples e as crianças entendem os aspectos de relacionamento, contribuindo, assim, para a formação da integridade do ser.

Quando os pequenos assimilam tais propostas, ampliam o repertório de ações diante de um determinado contexto ou estímulo. “A aprendizagem significativa subjaz à integração construtiva entre pensamento, sentimento e ação que conduz o engrandecimento humano.” (MOREIRA, 2000, p. 43). Portanto, entende-se que é necessário compreender os aspectos biológicos para a construção do conhecimento dos alunos que aprendem com as interações sociais, na família, na escola, na comunidade e com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

3.1 Navegando pelas emoções

Quando a criança entra pela primeira vez numa sala de aula e ali permanece sem a presença de sua família, ou quando há conflitos entre os pequenos para não dividirem os brinquedos e chamar a atenção da professora, ela chora, grita, soluça, os vasos sanguíneos se dilatam e ela fica avermelhada, há modificações corpóreas, a expressão facial muda. Nesse momento, estamos diante das emoções afloradas pelas reações do seu organismo. Esses são alguns exemplos de emoções que são naturais, inerentes às reações do organismo e são resultantes de estímulos internos e externos aos corpos (MARINO JÚNIOR, 1975). Assim sendo, emocionar-se é ser afetado psicofisiologicamente por estímulos diversos que despertam mudanças no interior e são demonstradas no exterior dos corpos, ou seja, são características biológicas dos organismos.

Quanto à naturalidade do misto de sensações, compreende-se que “em toda emoção há três reações do organismo: uma a nível mental, outra de nível corporal e uma terceira a nível do comportamento da pessoa” (SANTOS, 2000, p. 34). O tipo de resposta de nível mental pode ser agitação ou lentidão, já a corporal, por exemplo: o coração dispara e a respiração fica mais rápida e a comportamental, o comportamento muda, com tendência de aproximar-se ou afastar-se de alguém ou de algo que produz o estímulo.

Isso mostra que a emoção se desenvolve em dois níveis: o nível consciente, em que há a percepção da experiência emocional e o nível inconsciente, em que há a percepção imediata da experiência da emoção, tornando-se conhecimento dela posteriormente através de sinais indiretos, resultantes do sistema nervoso simpático [...]. (SANTOS, 2000, p. 34-35).

É assim que as emoções se configuram nos níveis conscientes e inconscientes do nosso cérebro e são processadas nele em uma região chamada sistema límbico, ou cérebro emocional. Lá são estimuladas por fatores externos e internos e expressos pelas ações instantâneas, porém não é minha intenção, nesse trabalho, aprofundar-me em questões anatômicas.

No entanto, é importante compreender que em uma emoção há quatro elementos “o conhecimento da situação em que ela ocorre, a experiência mental, a reação corporal e reação da pessoa em relação à causa da emoção” (SANTOS, 2000, p. 35), sendo esses fatores importantes para entender como e em que contexto as emoções podem ocorrer no processo para emocionar-se.

Em outras palavras, o autor quer dizer que conhecer a situação em que ocorre determinada emoção contribui para assimilar em quais momentos ela pode aparecer, permitindo certa familiaridade através das características situacionais de como ela pode fluir, concedendo à pessoa uma preparação e um controle emocional para futuras vivências semelhantes.

Já a experiência mental supracitada é o que se sente quando se encontra emocionado. Se for uma sensação agradável, por exemplo, na alegria, ou desagradável no medo, tristeza ou raiva, se está mentalmente agitado na alegria ou raiva ou lento na tristeza. As reações corporais de si mesmo e das outras pessoas, em relação às causas de determinada emoção, permitem a identificação de quando se está emocionado ou quando se está lidando com outra pessoa com características físicas que demonstram estar afetada: através do rosto, olhos, na cor do sangue na pele (quando a pessoa fica pálida no medo ou avermelhada, na raiva ou na vergonha), coração acelerado, respiração ofegante, entre outros.

Por isso é importante aprender sobre as emoções através das vivências cotidianas, atreladas às práticas pedagógicas em sala, para o gerenciamento delas e para o desenvolvimento da inteligência emocional das crianças, mesmo que no ensino infantil. Quanto mais se abordar sobre os aspectos que nos afetam, mais os pequenos se familiarizarão com suas capacidades emotivas e as dos outros, colaborando, assim, para aprendizagens que valorizam as boas relações interpessoais (GONSALVES, 2015).

3.1.1 Emoções básicas

Em todos os momentos de nossas vidas, somos afetados por algo ou alguém que faz parte das nossas relações ou não. Nas interações, podemos sentir várias sensações, sejam elas de bem-estar ou mal-estar, e dizem respeito às nossas alterações da mente e do corpo que são da natureza humana. Damásio (2000) entende que as emoções são ligadas à vida do organismo e que seu papel o auxilia a conservar a vida.

Santos (2000) aponta que os seres humanos têm cinco emoções básicas, sendo elas: raiva, medo, tristeza, alegria e afeto/amor. Damásio (1996, 2000) classifica a surpresa e a repugnância também como básicas, podendo aparecer de formas mais suaves ou intensas, e são básicas porque já nascemos “geneticamente programados” a tê-las, ou seja, são fisiológicas, instantâneas e inconscientes. Ao mesmo tempo em que se configuram como alterações neurológicas, segundo as concepções da neurociência que considera as emoções básicas como sendo inatas (que há independente da cultura), são chamadas também de emoções primárias, pois as secundárias ou sociais são aprendidas e dependem da cultura, como, exemplo: culpa, vergonha etc.

Damásio (2000) ainda propõe um terceiro nível de emoções que é denominada como de fundo “[...] emoções de fundo como bem-estar ou mal-estar, calma ou tensão. O rótulo de ‘emoção’ também foi aplicado a impulsos e motivações e a estados de dor e prazer.” (*Ibidem*, p. 74, grifo do autor). Emoções de fundo são sustentadas por mais tempo, constituem humores como “[...] fadiga, energia, excitação, bem-estar, mal-estar, tensão, descontração, arrebatamento, desinteresse, estabilidade, instabilidade, equilíbrio, desequilíbrio, harmonia, discórdia.” (*Ibidem*, p. 362). Tais humores configuram o ambiente das aulas que pode apresentar-se convidativo ou não.

No tocante à Educação Infantil, as emoções básicas podem ser observadas com mais facilidade, por exemplo, pelas expressões faciais, por isso são propícias suas abordagens em sala de aula, levando os menores a familiarizarem-se e reconhecerem através das interações sociais para aprendizagens significativas e que perdurem nos outros níveis de emoções e sentimentos, seja no ambiente familiar, na comunidade ou na escola, pois o aprendizado e a cultura modificam as expressões das emoções e trazem significados inéditos.

Portanto, as contribuições das pesquisas de algumas ciências, trabalhando colaborativamente para o entendimento do desenvolvimento da criança como ser integral, como a neuroeducação, são importantes, visto que emoção e cognição é a base para o cérebro social, uma não exclui a outra, mas devem ser coordenadas. Há ideias reducionistas as quais versam que a razão só alcança sua plenitude na falta de emoção, mas Damásio (1996) discorda: é pela emoção que há a capacidade de auxílio ao raciocínio.

3.1.2 A diferença entre emoção e sentimento

Alguns pesquisadores convergem para o entendimento de que as emoções são diferentes de processos afetivos mais complexos como dos sentimentos, pois as emoções são compreendidas como mudanças fisiológicas que geram ações automáticas e alteram o corpo, já os sentimentos são entendidos como experiências conscientes das mudanças fisiológicas geradas pelas emoções. Em outras palavras, o sentimento é o significado que o cérebro dá para a emoção, ou seja, é a percepção entendedora da experiência emocional. O autor diferencia três processos que envolvem uma constante:

Um estado de emoção, que pode ser desencadeado e executado inconscientemente; um estado de sentimento, que pode ser representado inconscientemente, e um estado de sentimento tornado consciente, isto é, que é conhecido pelo organismo que está tendo emoção e sentimento. (DAMÁSIO, 2000, p. 57).

A diferenciação desses processos tem o propósito de possibilitar o estudo dos detalhes do mecanismo emocional, segundo o autor, assim como, também, estabelecer as bases biológicas que concatenam sentimento e consciência. Analisemos o seguinte exemplo: uma criança assustada, os olhos se esbargulham, a mão fica fria, o coração acelera, a musculatura fica tensa (isso é emoção), já quando a criança é capaz de dizer: eu estou com medo (isso é sentimento), pois já foi interpretado pela cognição, sendo capaz de nomear a emoção. Ou seja, na emoção podemos identificar se uma pessoa se encontra emocionada pelas suas mudanças corpóreas, já no sentimento não podemos observar, por mais que possamos ver alguns aspectos que originaram a emoção que fundou no sentimento.

A trama de nossa mente e de nosso comportamento é tecida ao redor de ciclos sucessivos de emoções seguidas por sentimentos, que se tornam conhecidos e geram novas emoções, numa polifonia contínua que sublinha e pontua pensamentos específicos em nossa mente e ações do nosso comportamento. (*Ibidem*, p. 64).

Goleman (1996) concorda com o autor supracitado que também compreende que emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados mentais e corporais e as várias formas de agir. Ademais, por mais que tenham alguns detalhes que diferenciam as emoções dos sentimentos, não são aprendidos separadamente porque são intrínsecos aos estados mentais e corporais dos humanos.

Sendo assim, há os processos biológicos das emoções e os aspectos socioculturais que influenciam as aprendizagens para as expressões delas e dos sentimentos. Em outras palavras, há as emoções que fazem parte de nossa genética para a nossa sobrevivência, que são as básicas, e há também as que fazem parte de reações mais complexas, em adultos, por exemplo, que refletem os aspectos culturais, mas sendo que se relacionam mutuamente.

Essas compreensões fazem entendermos que as emoções aparecem de forma mais rápida, já os sentimentos são mais duradouros, haja vista que desenvolver o socioemocional das crianças no infantil envolve os processos de afetar-se com as emoções e de interpretá-las por meio dos sentimentos. Eis aí o desafio para os docentes: fazer com que as crianças menores entendam suas emoções, as dos outros e as interpretem, ou seja, transcender a comunicação dos

afetos, mediar para irem além da comunicação não verbal para a verbal na perspectiva das boas convivências.

4 AFETIVIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*[...] Se é tristeza ou alegria,
Raiva, medo ou surpresa,
Se sente admiração,
E se encanta com a beleza,
Os gestos que ele faz,
É de sua natureza.*

(GISÉLIA HORÁCIO)

É tristeza, alegria, raiva, medo ou surpresa? Podemos descobrir com afeto e delicadeza. Amar é resultante de uma partilha que inclui afetos, emoções e sentimentos e a escuta é uma forma de amar que melhora as relações através da afetividade porque aprendemos amar amando e dialogando sobre o amor. Neste capítulo, iremos discutir sobre a afetividade e suas contribuições na Educação Infantil como possibilidade de educar para a vida.

Na Educação Infantil, a criança precisa de um ambiente de aconchego que a acolha com afeto e que transmita segurança porque nesse momento de novas adaptações, a sua formação psicofisiológica era, até então, dependente das primeiras pessoas que se relacionavam afetivamente com ela, a família.

[...] a criança se depara com um novo ambiente, composto de adultos e crianças com as quais nunca interagiu. O distanciamento da família por longas horas do dia e a inserção em um novo ambiente, com rotinas específicas, exigirão da criança uma grande capacidade de adaptação. No entanto, este aspecto não diz respeito apenas à criança, mas exige de sua família e também dos/as profissionais que atuam na escola infantil um processo de adaptação. (FELIPE, 2001, p. 32).

Para as crianças, a escola é um novo mundo. Lá estão sem a presença de suas famílias, por isso, o desconsolo diante das transformações do lugar e das pessoas. Elas não têm ainda a capacidade de expressões linguísticas avançadas e, com isso, esperam que, através de suas atitudes impulsionadas pelas emoções, como chorar, gritar, cair no chão, agarrar-se aos pais, os adultos identifiquem o que sentem e o que querem sentimentalmente.

Isso demonstra a importância das vivências afetivas dos pequenos com os professores, as outras crianças e a escola para o desenvolvimento deles (GONSALVES, 2009). Imaginemos uma sala onde as crianças estão pela primeira vez nela, as quais demonstram as atitudes elencadas acima e que os professores, ao invés de propiciar um ambiente de acolhimento, na perspectiva afetiva, façam o contrário, se aborreçam com a situação, gritem, demonstrem raiva através das linguagens corpóreas, ou seja, o ambiente não se torna estimulante. Por isso que:

[...] a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Engloba sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. (ANTONINO et al, 2012, p. 56).

Através dessa apreciação, entende-se que as relações afetivas estimulam a formação da autonomia e valorizam o respeito e o amor na escola porque nas vivências didáticas expressam seus afetos, desenvolvendo-se integralmente. Ter um ambiente afetuoso possibilita desenvolver boas relações para obtenção de bons resultados no ensinar/aprender. De acordo com a autora:

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. (ALMEIDA, 1999, p. 50).

Nesse sentido, as vivências que vêm de imposições não funcionam mais, os tempos são outros, as crianças mudam junto com as inovações da sociedade, a exemplo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O que funciona é a troca, o *feedback* entre os professores, os alunos e os professores com seus alunos. O amor, o carinho e a confiança das crianças não se adquirem por imposições, conquista-se.

Ser professor que instigue o desenvolvimento socioemocional nos alunos pequenos é ser conscientizador, saber desenvolver neles a capacidade de fazer bem a si próprio e a coletividade, tornando-os hábeis para lidar com as próprias emoções, com a sociedade, ou seja, com a vida. Freire (1989) nos leva a refletir sobre a leitura do mundo que precede a da palavra e que os nexos para a aprendizagem cognitiva são introduzidos, pois, da afetiva. Educar é despertar no aluno o que ele tem de melhor para compreender o eu e o outro nas solidificações das amizades e conduzir a formação com empatia, sentir o outro em si, que é uma das mais lindas expressões do amor.

Porém, o que percebemos, muitas das vezes, é que as gestões e os professores estão mais preocupados e fixados com a formação da criança, abrangendo só os aspectos do cognitivo (dos conteúdos, dos desempenhos e das metas), deixando de lado o afeto, as emoções, o desenvolvimento da inteligência emocional, excluindo, dessa maneira, os caminhos para a construção de uma aprendizagem efetiva, pois:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento porque uma análise determinista pressupõe descobrir os motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. (VYGOTSKY, 1993, p. 25).

A partir dessa análise, compreendemos por que muitas instituições fracassam com relação a seu compromisso de formar os pequenos para serem adultos que sejam inteligentes em todas as áreas de suas vidas, uma vez que esquecem que o cognitivo e o afetivo são processos interligados e separá-los ou simplesmente ignorar um deles é fragmentar o ensinar/aprender, pois não se alcança assim o caminho para o sucesso. O patrono da educação brasileira vai dizer que:

[...] Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do

valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, [...]. (FREIRE, 1996, p. 20).

Essas concepções são necessárias, pois sem elas as formações de professores podem permanecer na redução partitiva do desenvolvimento do ser que é multifacetado. Quando não se leva em consideração os aspectos afetivos, vai em desentendimento também da perspectiva lúdica, uma vez que negar o afeto às crianças é negar a natureza delas que são sujeitos cheios de encanto, diversão, alegria, criatividade, curiosidade e magia, qualquer coisa pode virar um brinquedo ou uma brincadeira bem ali em suas mãos ou imaginação:

Negar o universo simbólico lúdico, sob o argumento de que esse não é o papel da instituição escolar, é negar o trajeto do desenvolvimento humano e sua inserção cultural. É desviar a função da escola do processo de construção de valores e de um sujeito crítico, autônomo e democrático. É negar, principalmente, as possibilidades da criatividade humana. (VASCONCELOS, 2006, p.72).

Portanto, não devemos negá-lo, quanto antes trabalhar o socioemocional, atrelado ao lúdico — desde a base, na Educação Infantil até aos outros níveis — no futuro as crianças serão adultos pensantes, colaboradores para o bem na sociedade, pois os pais e as escolas devem ter um objetivo comum que é educar para vida. É isso que a educação socioemocional valoriza para que, no futuro, não acarretem sérios problemas de sociabilidade e de saúde mental, já que passam uma boa parte de seu tempo na escola, podendo ser marcadas tanto positivamente como negativamente.

Temos que aprender sempre uns com os outros e renovar a prática com empatia, ter o entendimento de que desenvolver o afeto, no ambiente escolar, vai depender das situações vivenciadas e de como serão mediadas pelo docente. “[...] Ao canalizar a afetividade para produzir conhecimento, ele desempenha o papel de mediador entre o aluno e esse conhecimento, ampliando suas possibilidades de obter sucesso em suas ações.” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 65). Notar cada criança é expressar afeto e sua importância em meio à coletividade.

Trabalhar com atividades que as envolvam e as encantem, assim como as belas histórias animadas, faz com que assimilem o propósito da ação pedagógica com mais facilidade porque as crianças são lúdicas. Além disso, oportunizar as expressões das emoções, “[...] que são a exteriorização da afetividade [...]” (WALLON, 2007, p. 124), com autonomia, conhecendo as diferenças, respeitando o outro que as desenvolvem nas interações sociais.

Por isso que a afetividade e a ludicidade, juntas, são elementos transformacionais do contexto escolar que fazem das vivências empíricas aprendizagens para a vida. Elas valorizam e caminham juntas ao cognitivo para a formação da integridade, melhorando os convívios e, claro, combatendo o *bullying*:

O plano segundo qual cada ser se desenvolve depende, portanto, de disposições que ele tem desde o momento de sua primeira formação. A realização desse plano é necessariamente sucessiva, mas pode não ser total e, enfim, as circunstâncias modificam-na mais ou menos. (WALLON, 1995, p. 49-50).

A partir do que foi visto até aqui, é refletido que a formação efetiva envolve ideias práticas interventivas e criativas que vão dispor da postura do professor e seu comprometimento com sua visão e missão educacional, o qual pode, através do

cotidiano em sala, agregar valores sociais às lições pedagógicas. Para isso, o corpo docente deve também saber viver e conviver entre si, trabalhar em equipe, pois devem se sentir como integrantes de um time que devem compartilhar e colher ideias para construir um ambiente pedagógico diferenciado.

Práticas nas escolas como contações de histórias, confecções de bonecos que representem as emoções básicas, músicas, danças, jogos, brincadeiras, literatura, cinema infantil, entre outros, são recursos valiosos para as crianças expressarem suas emoções, “positivas ou negativas,” o que importa é não reprimir o que sentem e aprenderem a identificar, nomear, explorar (pouco a pouco reconhecê-las) para expressarem-se harmonicamente em sociedade.

Por isso, é imprescindível a contribuição dos adultos emocionalmente equilibrados para ensinar seus filhos e alunos através de atos e linguagens sobre os valores sociais. “Pais e educadores que respeitam as necessidades da criança de brincar estarão construindo, portanto, os alicerces de uma adolescência mais tranquila ao criar condições de expressão e comunicação dos próprios sentimentos e visão de mundo.” (OLIVEIRA, 2000, p. 87). Em se tratando de sala de aula, planejar a ação é necessário.

Conduzir as atividades de modo a desenvolver autoestima, empatia, ética, responsabilidade, autonomia, cultivar práticas de harmonia nas brincadeiras de faz de conta são importantes porque os pequenos imitam os adultos na fantasia do mundo mágico. Ademais, brincar desenvolve habilidades motoras, cognitivas, socioemocionais, desperta a criatividade e a curiosidade, o pensamento lógico, a coletividade, a integração, a oralidade, a motivação, promove o autoconhecimento corporal, entre outras. Por esse motivo, além de ser algo natural da criança, torna-se um recurso pedagógico.

Tudo isso demanda um olhar reflexivo do docente de saber propiciar, pelos contextos que vão acontecendo em sala, momentos de interações e aprendizagens que, através de situações e conflitos, mediará para reflexões básicas de maneira que entendam nas solidificações das relações interpessoais.

Vamos supor um exemplo: uma criança empurra outra e o docente vai em direção a elas e diz: “não empurre a fulana, não faça isso, estamos em sala de aula e isso não pode.” Esse ato agregaria em aprendizagem socioemocional para ela? De fato, geraria um constrangimento e para o momento até que poderia solucionar a situação e ela pararia com a ação de empurrar, porém, com pouco tempo depois, ela esqueceria o que foi dito e voltaria a fazer a ação praticada antes.

E se o docente fizesse o contrário? Conversasse com ela e perguntasse: por que você fez isso, o que você sentiu? você ficou com raiva por que ela não quis te dar o brinquedo, como você acha que ela se sentiu quando você a empurrou? E assim levasse a um diálogo entre ambas para começarem, no tempo delas, a entender o sentido da empatia, pois:

[...] A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico. (FREIRE, 1996, p. 17).

Tendo em mente que as crianças da Educação Infantil não conseguem ainda se colocar no lugar do outro, é por isso que os adultos são tão importantes para desenvolver, pouco a pouco, o entendimento de certos valores e atitudes nas

relações mútuas, começando a falar das emoções com elas e possibilitando a mediação, o engrandecimento e instigando sentimentos duradouros de reciprocidade.

Logo, não há emoções boas ou ruins, pois todas são para a nossa sobrevivência. A grande questão é saber desenvolvê-las, "usando o termômetro das intensidades," de modo que as crianças aprendam geri-las, ao seu ritmo, o que requer do professor uma constante (re) avaliação de sua prática pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi tratado neste trabalho, evidenciamos o que esta pesquisa teve por objetivo analisar: a importância do desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil, bem como a identificação das suas influências no ensino/aprendizagem e nos relacionamentos interpessoais que permeiam a sala de aula e para além dela. A família deve (ou deveria) começar inserindo a criança em contextos que estimulem a autonomia em resoluções de conflitos empíricos, contribuindo, assim, com a escola para um objetivo comum que é educar para a vida.

Ao longo deste trabalho, percebeu-se que propiciar práticas pedagógicas que agregam valores sociais às atividades e aos contextos contingenciais e situacionais, que se apresentam no convívio do ambiente educacional, geram sementes no presente que florescerão ao passo que for sendo regadas no jardim colorido da sala de aula. Em outras palavras, quer dizer que há a necessidade do profissional ser afetuoso e agregar à sua missão e visão educacional a afetividade e ludicidade para enaltecer, de fato, a aprendizagem integral dos pequenos.

Mediante os estudos do material teórico, podemos sintetizar que os elementos envolvidos para a obtenção do sucesso na educação socioemocional, que visa à integridade dos estudantes, são as emoções, sentimentos, afetividade e ludicidade, é claro, intrínsecos à cognição, reiterando que os aspectos de relacionamentos, em sala de aula, são basilares para vivências pedagógicas que objetivam desenvolver o socio + emocional das crianças pequenas.

São várias as contribuições dos elementos supracitados, de modo que estes possibilitam desenvolver competências e habilidades nas interações sociais, aprendizagens sobre os afetos, em si próprio e nos outros, estimulando a gestão das emoções com respeito e empatia para o pleno desenvolvimento dos pequenos. Ter um ambiente afetuoso desenvolve boas relações para obtenção de bons resultados no ensinar/aprender.

Muitos processos formativos, por vezes, esquecem que o afeto se funde à cognição, valorizando um e esquecendo-se do outro, fissurados em desempenhos e metas, reduzindo ou particionando o processo, eliminando, assim, as possibilidades do sucesso efetivo na educação. Nesse sentido, é importante a reflexão sobre a formação e a práxis docente que necessita receber aporte formativo para saber desenvolver o socioemocional na Educação Infantil, pois ensinar nessa perspectiva demanda sair da zona de conforto em busca de novas possibilidades interativas para as crianças e estar em constante busca por conhecimento numa educação permanente. Ademais, o socioemocional desses profissionais também deve estar/ser desenvolvido, uma vez que as crianças imitam os adultos por natureza, daí a importância do meio que envolve os pequenos, de adultos equilibrados socioemocionalmente na escola, em casa e nos outros ambientes, ampliando as possibilidades do sucesso no educar para a vida.

Portanto, desenvolver o socioemocional nas práticas pedagógicas desde a base é um imperativo para a educação de excelência, a qual deve ser propiciada com afetividade e abordagens lúdicas que devem integrar as vivências em sala de aula. Logo, perante o problema de pesquisa exposto, constatamos que desenvolver o socioemocional das crianças influencia nas relações interpessoais na escola e para além dela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1999.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ANTONINO, Edileide; VIGAS, Maria Célia; PEIXOTO, Maria de Fátima (Orgs.). **Ação psicopedagógica**: uma contribuição para a construção do conhecimento. Salvador: Editora da Assembleia Legislativa da Bahia, 2012.

BRASIL, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 de março de 2021.

_____, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 de março de 2021.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções do conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARWIN, Charles. **The expression of the emotions in man and animals**. London: John Murray, 1872.

DESCARTES, R. Quarta Parte. In: _____. **Discurso do método**. Trad. de J. Guinsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. (Os Pensadores, 1).

FELIPE, Jane. O desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Org.). **Educação Infantil**: pra que te quero?. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

_____, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Ed. Ática, 1996.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o pensamento pedagógico.** João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2009.

_____, Elisa Pereira. **Educação e Emoções.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARINO JÚNIOR, R. **Fisiologia das emoções.** Ed. Sarvier, São Paulo, 1975.

MOREIRA, M.A. **Aprendizaje significativo: teoria y práctica.** Madrid: Visor. 2000.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Vera B. (org.). **O Brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SALOVEY, P.; MAYER, J. D. **Emotional intelligence, imagination, cognition and personality.** 9, 1990.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação emocional na escola: A Emoção na Sala de Aula.** 2. ed. Salvador: Faculdade Castro Alves, 2000.

VASCONCELOS, Mario Sérgio. Ousar Brincar. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Humor e alegria na educação.** São Paulo: Summus, 2006.

VEIGA, Ilma Passos A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos A. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas: Papirus, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **La crisis de los siete años.** In. VYGOTSKY, Lev Semionovich. Obras escogidas. Tomo IV. Madrid: Visor, 1996.

_____, S. L. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar o dom da vida e estar sempre ao meu lado, em todos os momentos de minha existência, sei que Ele sempre está comigo me guiando para o caminho que me reservou, se hoje sou Pedagoga foi por que Ele permitiu, e tem um propósito para mim. Gratidão pai, por mais uma realização de um sonho.

Aos meus pais, Gisélia e Juraci, que me envolvem com amor incondicional, são meu berço de afeto, aprendi com eles os valores que constitui meu caráter, são exemplos de pessoas para mim. Amo vocês! Além disso, quero agradecer de forma especial a minha mãe, por fazer especialmente para mim a linda poesia, a qual utilizei nesse trabalho.

Aos meus irmãos, Juciara e Juciel que sempre estão comigo, incentivando-me nos estudos e compartilhando dos mesmos sentimentos.

Agradeço a Lucas por fazer parte de minha caminhada e por também sempre me incentivar na busca dos meus objetivos.

Aos meus amigos da UEPB que levo para vida, Aline, Daniele, Diego, Karolina e Rayssia, sem eles minhas noites jamais seriam as mesmas, guardo cada um em um cantinho especial no meu coração. A Rosângela também que depois juntou-se a nós completando nossa alegria.

Ademais, sou grata, também, pelas amizades de minhas amigas do primeiro período, o qual estudei de manhã, Aparecida, Madalena e Shayane. Nunca irei esquecer-me de cada uma, a forma como me acolheram nesse contato primeiro com a universidade. Ele foi fundamental para sanar meus medos e inseguranças e sentir-me pertencente ao meio acadêmico.

A todos os professores e funcionários da UEPB que contribuíram para minha formação direta ou indiretamente, pois hoje sou fruto de uma construção acadêmica que tiveram as mãos de cada um. Sou feliz por fazer parte da família Campus III - Guarabira-PB.

E por fim, e não menos importante, gratidão eterna a minha professora orientadora Josilene, que participou da construção deste trabalho, instigando-me a construir conhecimentos e sentimentos nesta pesquisa. Ela foi maravilhosa, não poderia ter melhor orientadora, de fato, assume seu ofício com amor, é notório o afeto e sabedoria que transmite para seus alunos. Só tenho a agradecer-lá por esses e outros motivos.